A questão da infância em Álvaro de Campos*

Jussara Neves Rezende de Almeida**

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar a infância nos poemas de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, a partir de alguns conceitos lacanianos sobre o complexo de Édipo.

*Que vantagem trazer a alma virada do avesso!
Ao menos escrevem-se versos.
(Álvaro de Campos)*

Este trabalho foi, inicialmente, parte de um seminário sobre Álvaro de Campos apresentado à Professora Lélia Maria Parreira Duarte, durante o curso “Modernidade e Fingimento na obra de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro”, do Mestrado em Literaturas de Línguas Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Dezembro de 1996. Naquela ocasião, baseei minhas observações sobre os poemas de Álvaro de Campos que tratam da infância apenas nas considerações de Maria Vitalina Leal de Matos na obra *A vivência do tempo em Fernando Pessoa* (Lisboa, 1992). Aprofundando o que então foi minha preocupação, este trabalho insistirá da análise na infância em Álvaro de Campos, fundamentando-se, porém, em alguns conceitos sobre o Édipo e sobre os pais como princípio da realidade dos filhos, uma vez que a ausência dos mesmos nos poemas que tratam do tema da infância é significativa e pode estar relacionada à maneira com que é retratada a

* Trabalho final do curso “Modernidade em Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro”, ministrado pela Profa. Dra. Lélia Maria Parreira Duarte no Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa da PUC Minas.

** Professora de Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Machado-MG.

infância e encarada a idade adulta.

A insistência na questão da infância talvez exija uma explicação. Ei-la: a frequência com que o tema aparece em Fernando Pessoa, sendo constantemente retomando e adquirindo diferentes matizes, existindo de modo unânime na obra do ortônimo e em todos os heterônimos, faz com que, de acordo com Maria Vitalina Leal de Matos, na obra citada, a infância adquira a “ressonância de um mito”. E como qualquer trabalho sobre o estudado poeta “é uma indagação sobre a identidade”, como considera Leyla Perrone-Moisés em *Fernando Pessoa – Aquém do eu além do outro* (São Paulo, 1990, p. 1), acredito que estudar o mito da infância, o momento em que se desenvolvem as personalidades, seja um importante modo de adentrar o universo desse poeta que, como se sabe, multiplicou-se tanto que não teve uma identidade apenas, mas várias, ou nenhuma.

A insistência em Álvaro de Campos talvez também se explique sem se tocar em preferências pessoais; no ortônimo e nos heterônimos, inclusive o que é objeto deste estudo, a infância aparece como um paraíso perdido, o lugar de uma felicidade só na idade adulta apreendida, num momento em que não é mais possível. Em conseqüência, a vida aparece como uma prisão da qual é impossível fugir. Mas a amargura, a ironia e o cepticismo esperados em conseqüência disso e frente à realidade, cedem lugar a uma grande ternura melancólica, nas lembranças do passado, e é este o tom predominante em todos os poemas. Apenas Álvaro de Campos aprofunda essa abordagem fazendo com que o sentimento característico seja o da perda angustiada da felicidade e a dor frente ao tempo presente. Ora, este sentimento mais característico é o que pretendemos nesta análise perseguir. Vamos a ela.

A questão do sujeito

Os estudos psicanalíticos mostram, segundo Vera L. Lamano Calil em *Terapia familiar e de casal* (São Paulo, 1987, p.76), como os relacionamentos entre crianças e seus pais estabelecem padrões para relacionamentos futuros. A capacidade do indivíduo, inclusive de construir no futuro relacionamentos satisfatórios, está, segundo ela, relacionada a resolução de conflitos durante a infância e a adolescência.

Ora, a infância é o período da vivência do Édipo que, segundo Hugo Bleichmar, numa obra que trata da teoria do Édipo em Freud e Lacan, *Introdução ao estudo das perversões* (Porto Alegre, 1988), tem um caráter de estruturação da personalidade porque surge integrando toda arquitetura do sujeito.

Diz ele:

O sujeito constitui-se como tal no seio da situação edípica porque se o superego e o caráter se formam em conseqüência do que acontece nela, então esta situação aparece como condição estruturante do sujeito. Neste sentido, não há um sujeito que preexista à relação como os pais. (p. 14)

Segundo Bleichmar, a criança no primeiro Momento do Édipo, por ser dependente, é muito ligada à mãe, que a completa inteiramente. Essa dependência não é apenas vital, mas também a dependência de amor. O menino crê que é por ele que a mãe é feliz, ele acredita que a completa. Nesse momento ele se crê o falo que, para Lacan, é aquilo que possibilita a ilusão, quando se o tem, de que se está completo.

Na relação primordial com a mãe, esta é o “Outro”, o lugar onde se origina a linguagem, as palavras que vão captar e moldar suas necessidades. O menino lê nos gestos da mãe a satisfação de suas necessidades, enquanto a mãe lhe traz a linguagem que lhe diz o que é que está acontecendo ao lhe dizer por exemplo, “você está com frio”, “você está com fome”, etc. A mãe não apenas formula as necessidades do filho, como também as constrói. A mãe o molda, aponta-lhe o desejo, a identidade. Nesse momento, identificado ao falo, o menino se considera perfeito.

Ora, o pai é que vem romper esse laço, privando o menino do objeto de seu desejo. Ele percebe que não é completo, que algo lhe falta, ou seja, deseja. Inicia-se, então, o momento da castração simbólica, quando o menino percebe que ele não é o falo. Nessa época a criança vê o pai como o terrível e não vê que também o pai está sujeito a uma lei, a uma cultura. Mais tarde é que a criança elabora que o pai é uma pessoa comum e não o que detém a lei.

Diz Bleichmar:

Quando o menino consente na castração simbólica, consente que já não é o falo e sim que o falo é outra coisa, ou seja, que há algo que representa outra coisa; existe, portanto, toda a distância entre o símbolo e o imbolizado. E, portanto, o menino captaria e entraria em um tipo de construção onde existe uma simbolização. (p. 41)

A castração simbólica, portanto, não é a passagem do domínio da mãe ao domínio do pai, mas consiste, ainda segundo Bleichmar, na instauração do falo como “algo que está fora de qualquer personagem, da mãe ou do pai, que não pode possuir por seu próprio arbítrio” (p. 46), dependendo também de uma ordem exterior a ele. A lei, em Lacan, diz Bleichmar, “é o regulamento que está acima do desejo ou vontade de um indivíduo” (p. 49). O modelo da lei

é a proibição do incesto, uma lei de cultura que regula as relações sexuais.

Quando a criança elabora tal formulação, tem acesso ao “Nome-do-Pai”, ou seja, adquire a subjetividade, é liberada, entra no mundo da linguagem, da cultura, da civilização. O pai, que era visto como proibidor e terrível no segundo momento, aparece nesse terceiro tempo como permissivo ou doador, outorgando o direito à sexualidade e produzindo a assunção da identidade de ser sexuado.

Diz Bleichmar:

O central de tudo isto é que a identidade não é algo que deriva de si mesmo, da observação da própria anatomia e sim que se chega a ser aquilo que se é. Ou seja, o que o Édipo lacaniano trata de sugerir é que, através da evolução do Édipo, chega-se a ter como identidade sexual aquilo que anatomicamente se é; então a normatização é a inscrição do sujeito em uma norma da cultura. (p. 60 – grifo meu)

Ora, se é com esses pais, com seu amor e seu ódio por eles, que o sujeito se estrutura de determinada maneira, deles recebendo a linguagem que simboliza o mundo e seus primeiros conceitos sobre ele, parece lógico que quanto mais ambivalente tiver sido essa relação (amor/ódio), mais difícil será completar o Édipo.

Ora, a breve formulação acima não tem a pretensão de ajustar a obra à teoria psicanalítica, como se esta fosse um sistema mágico que oferecesse as respostas que nenhum outro possui, mas poderá ajudar no entendimento dos textos que serão em seguida analisados uma vez que a psicanálise lacaniana encontra-se estreitamente relacionada à questão do sujeito, o que na análise nos interessa, além de situar o problema do inconsciente a nível da linguagem (“O inconsciente é o discurso do ‘Outro’”), o que, como lembra Leyla Perro-ne-Moisés na obra citada “convém particularmente à análise de textos”. (Perro-ne-Moisés, 1990, p. 76)

Não desejando, ainda, cair no biografismo que às vezes ocorre quando se tenta entender a obra como efeito da vida, apenas considero importante lembrar o que muitas vezes já se disse sobre a infância de Fernando Pessoa, o poeta que se desdobrou em Álvaro de Campos, cujos poemas aqui nos interessam, a morte do pai quando tinha cinco anos, momento especial da transição do Édipo.

Eduardo Lourenço diz que “ninguém sai da infância e sua realeza imaginária sem matar o pai que se precisa para sair dela” (Lisboa, 1981, p. 96). No caso de Pessoa, a oportunidade lhe foi negada e ele precisou assumir a força o pai desaparecido e ser “o pequeno pai de si mesmo”. Tal situação teria impos-

sibilitado a perfeita transição pelo complexo de Édipo? O momento em que o pai, completa a castração simbólica, outorga ao filho o direito à própria sexualidade e em que o segundo entende a lei da cultura que proíbe que se possua a mãe mas permite que se possua outra qualquer, não teria sido vivido pelo poeta?

Se, como explica Bleichmar, é na vivência do Édipo que se estruturam as personalidades, um Édipo não fechado, não concluído, não explicaria a ausência de personalidade em Pessoa, ou a multiplicidade delas?

Leyla Perrone-Moisés parece concordar com esta explicação quando afirma que multiplicar-se foi o caminho encontrado por Pessoa para preencher o “vácuo do sujeito”, a “falta subjetiva”. Diz ela:

Um caminho para preencher o vácuo do sujeito e a brecha do desejo é o da imaginação. O imaginário é a tentativa de dar conteúdo ao vazio (...) O imaginário, para o comum dos mortais, é apenas neurose; em alguns poucos, ele pode vir a ser poesia. (Perrone-Moisés, 1990, p. 86)

Multiplicar-se teria sido a saída encontrada pelo poeta para carregar o excesso de desejo e a grande falta, e assim, cada um dos heterônimos passaria a responder a pergunta “Quem sou eu ?” à sua maneira. E Fernando Pessoa se torna o “fingidor”, burlando genialmente a loucura, segundo acredita Massaud Moisés (1990, p. 70).

E quem se esconde atrás da máscara? Quem é esse “supremo despersonalizado” (expressão usada um dia por Pessoa para se referir a Shakespeare)? O ortônimo, o mestre Caetano, Campos ou Reis? Ou a máscara apenas esconde o vazio? O próprio Pessoa nos responde, pela voz de Campos:

*Eu não sou eu nem outro nem ninguém.
Assim sou a máscara.
(Pessoa, 1990, p. 301)¹*

A infância como paraíso perdido

Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...
(Álvaro de Campos)

Como já foi dito, a infância é tema constante em Fernando Pessoa, tanto na obra do ortônimo quanto na dos heterônimos.

¹ Todas as citações de poemas de Álvaro de Campos foram retiradas da edição crítica organizada por Cleonice Berardinelli. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990, e serão indicadas apenas pelos números das páginas).

No ortônimo a infância é percebida como um momento de felicidade que só se apreende quando não se pode mais obtê-lo:

*E eu era feliz? Não sei:
Fui-o outrora agora.
(Pessoa, 1986, p. 140)*

Essa felicidade perdida na infância faz com que o poeta olhe com amor as crianças: “O melhor do mundo são as crianças”. (p. 188)

Reis também é sensível ao encanto da infância e a ela se refere como se à época tivesse “outra consciência”, “outra espécie de olhar lançado ao mundo” e se tornasse outra pessoa com o passar do tempo: “Outrem fui quando o fui”. (p. 261)

Em Caetano de Castro a infância aparece com a serenidade que lhe é própria, apresentando as crianças como uma imagem da natureza, “cansadas de brincar”, encarnando o próprio poeta a criança de que os outros sentem a nostalgia:

*Sinto-me nascido a cada momento.
Para a eterna novidade do mundo...
(p. 204)*

Um outro exemplo que mostra que Caetano de Castro é a encarnação da criança é o menino Jesus “fugido do céu”, do poema VIII do “Guardador de Rebanhos”, que é revelado no fim como a sua “cotidiana vida de poeta.”

Em Álvaro de Campos também aparece a ternura suave com que a infância é tratada nas outras faces de Pessoa. Observe:

*Quero acabar entre rosas, porque as amei na infância.
(p. 233)*

*E o que há de suavidade e de infância na hora matutina!...
(p. 100)*

Em “Ode marítima”, versos furiosos e selvagens, surgem sentimentos humanos trazidos pela lembrança da infância e das crianças:

*A lua sobe no horizonte
E a minha infância feliz acorda como uma lágrima em mim.
O meu passado ressurgiu, como se esse grito marítimo
Fosse um aroma, uma voz, o eco duma canção*

*Que fosse chamar ao meu passado
Por aquela felicidade que nunca mais tornarei a ter.
(...)
Uma inexplicável ternura,
Um remorso comovido e lacrimoso,
Por todas aquelas vítimas – principalmente as crianças –
Que sonhei fazendo ao sonhar-me pirata antigo...
(p. 100)*

A presença das crianças parece ter o poder de fazer, como colocam os versos acima, ressurgir o passado do poeta. Observe ainda:

*Desenterrei o comboio de lata da criança calcando no meio
da estrada,
E chorei como todas as mães do mundo
sobre o horror da vida...
(p. 172)*

*Deixem-me ser (...)
O peão do garoto que vai a parar,
E oscila, no mesmo movimento que o da terra,
E estremece, no mesmo movimento que o da alma,
E cai, como caem os deuses, no chão do destino.
(p. 202)*

Os brinquedos das crianças (comboio de lata, peão) tem o poder de despertar sensações no poeta que chega a desejar ser um desses objetos, tal a importância que têm para as crianças em comparação a sem importância do mundo adulto que o mesmo poema coloca:

*Aproveitar o tempo!...
Ah, deixem-me não aproveitar nada!*

O sentimento, porém, que mais caracteriza a poesia de Campos, segundo Maria Vitalina Leal de Matos, “é o da perda dolorosa da felicidade e a amargura em relação ao tempo presente” (p. 141), o que é possível observar no poema “Aniversário”, que a seguir transcrevo na íntegra, por acreditar que sua leitura é fundamental à compreensão da infância em Álvaro de Campos:

Aniversário

*No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos.
E a alegria de todos, e a minha, estava certa como uma religião qualquer*

*No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças
Quando vim a olhar para a vida, perdi o sentido da vida.*

*Sim, o que fui de suposto a mim mesmo,
O que fui de coração e parentesco,
O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino,
O que fui, ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...
A que distância! ...
(Nem o acho...)
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!*

*O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,
Pondo gelado nas paredes...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme
através das minhas lágrimas).
O que sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim mesmo como um fósforo frio.*

*No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,
Com uma dualidade de eu para mim...
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!*

*Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos
na louça, com mais copos,
O aparador com muitas coisas – doces, frutas, o resto
na sombra debaixo do alçado –,
As tias velhas, os primos diferentes e tudo era por minha causa,
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...*

*Pára, meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!
Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!
Hoje já não faço anos.
Duro.
Somam-se-me dias.
Serei velho quando o for.
Mais nada.*

*Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos...
(p. 217)*

Leal de Matos na obra citada, considera que a repetição anafórica “no tempo em que” serve para marcar o contraste entre os dois tempos: passado e presente, deixando claro que ao passado pertencem o ar festivo da casa, a presença da família, o fato de estarem todos vivos e alegres e principalmente, as atenções de que a criança é cercada. Ao presente pertencem as paredes manchadas, a casa vendida e os parentes mortos. Em relação ao passado quase personificado, (“Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!”), o presente é sem sentido (“fósforo frio”), um amontoado de dias para quem já “não faz anos”.

A infância aparece como um momento em que não se percebe nada, mas não perceber não é encarado como defeito e, sim, como qualidade (“saúde”), o que, nos leva a inferir que a idade adulta e toda a sua percepção lógica, racionalidade, são encaradas como um erro, uma doença: (“Pára meu coração! Não penses”).

No tempo da saúde (infância), ele não percebia e nem tinha as esperanças que os outros tinham por ele e se sentia alegre: (“a alegria de todos, e a minha”) como quem se sente completo, como quem se considera tão importante a ponto de acreditar que a festa do seu aniversário “era uma tradição de há séculos”, e de entender como um presente especial “a mesa posta com mais lugares”, a presença dos primos com os quais nem tinha muito convívio (“os primos diferentes”) e das “tias velhas”.

Os versos longos do início do poema, usados nas recordações da infância, revelam que só a ela pertencem a suavidade e a ternura. Os últimos versos, mais curtos, têm um ritmo sacudido coerente com a angústia que sente o poeta por ter perdido o paraíso.

A ânsia de regressar à infância é, respectivamente, clara e violenta nos versos abaixo:

*Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!
Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!*

É possível verificar ainda, com a leitura de outros poemas, que essa idade feliz se cristaliza e se transforma no lugar onde se encontram todos os tesouros impossíveis a um adulto:

*Ó tarde, que reminiscências!
Ontem ainda, criança que se debruçava no poço
(p. 167)*

*Carinhos? afetos? São memórias...
É preciso ser-se criança para os ter...
minha madrugada perdida, meu céu azul verdadeiro!
O dia deu em chuvoso.*
(p. 230)

*Sei muito bem que na infância de toda a gente
houve um jardim,
Particular ou público, ou do vizinho.
Sei muito bem que brincarmos era o dono dele.
E que a tristeza é de hoje.*
(p. 341)

No primeiro fragmento o poeta por duas vezes afirma que “via com alegria” seu rosto no fundo do poço. E este gosto pelo jogo, pela brincadeira, é confirmado pela terceiro fragmento, “brincarmos era dono dele”.

À infância pertencem, ainda, afetos e carinhos e “a tristeza é de hoje”.

Este reino de inconsciência (poema “Aniversário”) e, portanto, de felicidade, de jogos e brinquedos, aparece ainda como sede da verdade, sendo a vida adulta entendida como um erro, uma mentira, uma substituição:

*Sou quem falhei ser.
Somos todos quem nos supusemos.
A nossa realidade é o que não conseguimos nunca.
Que é aquela nossa verdade – o sonho à janela da infância?*
(p. 240)

*Temos todos duas vidas:
A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,
E que continuamos sonhando, adultos, num substrato de névoa;*

*A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,
Que é a prática, a útil,
Aquela em que acabam por nos meter num caixão.*
(p. 242)

Que lindos olhos de azul inocente os do pequenito do agiota!
(p. 348)

Os versos acima transcritos apresentam a idade adulta como falsa e mostram em que ela transforma a verdade das crianças, e o segundo fragmento deixa entender que, para o poeta, a infância é imortal (“continuamos sonhando, adultos, num substrato de névoa”), o que é possível observar também no fragmento abaixo:

*Lembro-me e as lágrimas caem sobre meu coração
e levam-o da vida.*
(p. 101)

Assim, a personalidade dos adultos é entendida como uma mentira, um disfarce, uma máscara:

*Depus a máscara e vi-me ao espelho...
Era a criança de há quantos anos...
Não tinha mudado nada...*

*É essa a vantagem de saber tirar a máscara
É-se sempre a criança,
O passado que fica,
A criança.*

*Depus a máscara e tornei a pô-la.
Assim é melhor.
Assim sou a máscara.
E volto à normalidade com a um término de linha.*
(p. 252)

A infância amada está, porém, irremediavelmente perdida:

Cidade da minha infância pavorosamente perdida...
(p. 194)

E, com resquícios de eternidade, apesar de purificar a vida, faz sofrer o poeta que, impossibilitado de vivê-la novamente, não a esquece:

*Lembro-me mas esqueço
E dói, dói, dói...*
(p. 350)

*Pobre velha casa da minha infância perdida!
Quem te diria que eu me desacolhesse tanto!
Que é do teu menino? Está maluco.
Que é de quem dormia sossegado sob o teu teto provinciano?
Está maluco.
Quem de quem fui? Está maluco. Hoje é quem eu sou.*
(p. 245)

O segundo fragmento, retirado de um poema que afirma que a angústia de há séculos “transbordou da vasilha”, coloca a infância como doçura apesar de toda dor, em meio a toda angústia. E o poeta fica com o seu presente marca-

do pela repetição “Está maluco”, uma idéia fixa, segundo Maria Vitalina Leal de Matos (p. 150), “daquele que perdeu para sempre a infância.”

A ausência dos pais no paraíso

Ora, essa adorada e perdida infância foge um tanto dos padrões normais. A figura dos pais, importantes como o grande “Outro” que simboliza o mundo para a criança e a própria criança, não aparece nos poemas em momento algum, como se inexistissem, como se fosse vergonhoso mencioná-los, ou doloroso. A ama ou as tias velhas substituem os pais como elementos do mundo adulto na vida da criança:

*E a minha ambição era trazer o universo ao colo
Como uma criança a quem ama beija.*
(p. 234)

Ó ama morta, que é do teu carinho grisalho?
(p. 350)

*Suave, todo o passado – o que foi aqui de Lisboa – me surge...
o terceiro andar das tias o sossego de outrora (...)
A infância sem futuro pensado,
o ruído aparentemente contínuo da máquina de costura delas...*
(p. 349)

Nessas lembranças há a sua casa “ao pé do rio” e “o luar esparso nas águas”, além da certeza de ser amado pela “tia velha”:

*E lembra-me que pouco me lembrei dela depois,
e ela amava-me tanto!*
(p. 101)

O poeta afirma a suavidade do passado e o fato de então ser amado. Em outros textos, como já apontei, menciona o prazer das brincadeiras e da inconsciência em que vivia então. Mas parece fugir de qualquer discurso que o conduza para fora desse mundo assim concebido. Mesmo no poema “Aniversário” estão presentes “as tias velhas, os primos diferentes” a família de modo genérico, mas não se toca nos pais. É como se nas lembranças do poeta eles tivessem sido apagados.

Interessante é que tanto as tias são velhas, como a ama que tinha “carinho grisalho” como se sua memória só permitisse a lembrança de pessoas

numa idade em que a atividade sexual não fosse mais importante, tomando-as como assexuadas mesmo, diferente da situação a seus olhos, constrangedora?, invejável?, odiosa?, dos pais.

Nenhum tipo de educação parece ser dada a essa criança, a não ser o deixá-la brincar e cantarolar para adormecê-la. Ela é amada e é inconsciente, mas não vive nada que a faça revoltar-se, que a indigne, ou que a faça dar gargalhadas de pura alegria. É como se ele criasse uma infância ideal para ser apresentada. Mas não é curioso que os pais não estejam presentes nessa infância idealizada? Se é no seio da situação edípica que o sujeito se estrutura, como colocou Bleichmar, Álvaro de Campos não deveria situar os pais nos textos, mesmo que em meio a conflitos, ou a perda deles, numa tentativa de representar uma infância normal?

Sabendo-se, como se sabe, a problemática da multiplicação ou da ausência de personalidade em Fernando Pessoa, a infância retratada em Álvaro de Campos pode ser entendida como um reflexo do período do Édipo vivido pelo mentor dos heterônimos que, como coloca Eduardo Lourenço, falto de pai teve de ser o “pequeno pai de si mesmo” e ainda presenciou o segundo casamento da mãe? Assim o homossexualismo de Campos e o latente em Pessoa se explicam? A castração simbólica não teria se completado e, assim, Pessoa não teria *chegado a ser o que era*? Ou seja, a sua identidade sexual não teria sido alcançada? Ou devemos desconfiar da máscara Álvaro de Campos, da máscara da infância, deste poeta que afirmou de si mesmo ser um fingidor?

A concluir

*Minha velha tia costumava adormecer-me cantando-me
(Se bem que eu fosse já crescido demais para isso)...
(p. 101)*

No fragmento acima o poeta parece em dúvida sobre suas próprias lembranças. A tia cantava, diz ele, mas ele já era crescido para ser assim embalado... ou as lembranças são muito distantes e ele não pode precisá-las muito, ou o fato da tia cantar é apenas ficção, um ideal bonito de infância, e, portanto, aproveitado.

O que desejo deixar claro é que Álvaro de Campos tenta nos fazer acreditar *com ele* que sua infância teria sido como ele pinta, um paraíso ideal em oposição a seu presente de angústia, mas que deixa lacunas como a ausência dos pais e essa infância poderia ser apenas fruto da organização de uma mente que escolhe o que é mais belo contar, como a Segunda Veladora do drama

peçoano *O Marinheiro* que, na dúvida sobre o que verdadeiramente teria ocorrido na estória que se propôs contar, conta-a intercalando-a com frases do tipo:

Só podia ter sido assim...
(Pessoa, 1986, p. 447)

As lacunas deixadas no texto lembram-nos que ele não é a expressão exata da verdade, mas construção apenas, e, portanto, não tem o dever de se ajustar a teoria alguma, muito embora elas possam lançar sobre ele as suas luzes.

A conclusão deixa a desejar levantando mais questões do que elucidando-as? Cito Álvaro de Campos e acredito elucidá-las todas: “Mais vale ser a criança que querer compreender o mundo”.

ABSTRACT

The present work intends to analyse the childhood theme in Álvaro de Campos' poetry, beginning with some of Lacan's concepts about the Oedipus complex.

Referências bibliográficas

- BLEICHMAR, Hugo. *Introdução ao estudo das perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- CALIL, Vera L. Lamanno. *Terapia familiar e de casal*. São Paulo: Summus, 1987.
- LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa revisitando*. Lisboa: Moraes, 1981.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de. *A vivência do tempo em Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo, 1992.
- MOISÉS, Massaud. *O espelho e a esfinge*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa – Aquém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. (Ed. crítica de Cleonice Berardinelli). Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1990.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Org. Intr. e Notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.